

UM FAZER PESQUISA/UM CUIDADO DE SI: CARTOGRAFANDO UMA EXPERIÊNCIA/PRODUZINDO FLUXO

THE ACT OF DOING RESEARCH /SELF-CARE: CARTOGRAPHING AN EXPERIENCE / PRODUCING FLOW

Aurea Maria Pires Rodrigues¹
Universidade Federal de Sergipe – UFS

Resumo

Este trabalho busca problematizar a tessitura do fazer pesquisa, por meio do método cartográfico, no qual ao se acompanhar as linhas que conformam os contornos dos efeitos-subjetividades, analisam, interveem e criam outros efeitos-subjetividades. A experiência cartografada ocorreu durante a realização de um Mestrado Acadêmico pela Universidade Federal de Sergipe. O campo de pesquisa foi a Maternidade Nossa Senhora de Lourdes (MNSL), referência em gestações e partos de alto risco do Estado de Sergipe. A partir das premissas de que a prática de investigação é uma forma de cuidado, que possibilita o cultivo de um território existencial no qual pesquisador e pesquisado se encontram, e que homem e mundo são resultados de um processo de coengendramento, o sujeito pesquisador pôde junto aos seus pesquisados analisar, descrever linhas duras que conformam o ser mulher, bem como criar linhas de fuga em práticas de cuidado de si potencializadas pelo modo de fazer pesquisa.

Palavras-chave: Cartografia; Cuidado de si; Política.

Abstract

This work seeks to problematize the context of doing research, through the cartographic method, in which, when accompanying the lines that conform the contours of the effects-subjectivities, analyze, other effects-subjectivities intervene and are created. The mapped experience occurred during the activities of Master's Degree by the Federal University of Sergipe. The research field was Nossa Senhora de Lourdes Maternity (MNSL), a reference in pregnancy and high-risk births in the States of Sergipe, Brazil. Based on the premises that the practice of research is a form of care that allows the cultivation of an existential territory in which the researcher and the researched meet, and on the idea that the human being and the world are the result of a process of coproducing, the researcher was able, together with the respondents, to analyze, to describe the hard lines that give shape to

¹ Doutoranda em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Mestra em Psicologia Social, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe. **E-mail:** adinharodrigues@hotmail.com.

the woman-being, as well as to create escape lines in practices of taking care of themselves potentiated by the way of doing research.

Keywords: Cartography; Self-care; Politics

INTRODUÇÃO

O corpo de uma pesquisa pode assumir várias formas, as estratégias metodológicas, o modo de produção do problema, os referenciais teóricos e o percurso trilhado no fazer pesquisa são, para além de escolhas, linhas e contornos que compõem o próprio corpo da pesquisa. O fazer e a forma corpórea se entrelaçam em uma tessitura ritmada, nos quais, também, um corpo-pesquisador é produzido.

A escrita aqui delineada se propõe a discutir um processo de pesquisa realizado por meio do Método Cartográfico, no qual “o trabalho da análise é a um só tempo o de descrever, intervir e criar efeitos-subjetividade” (Passos & Benevides, 2009, p.27), ao problematizar a tessitura do fazer pesquisa com a de uma produção de um cuidado de si – pesquisa e pesquisadora se conformando em um fazer, ao passo que o processo era acompanhado e construído com o próprio fazer, pesquisadora reinventava-se.

A pesquisa aqui problematizada refere-se ao Mestrado acadêmico realizado entre os anos de 2012 a 2014 pela Universidade Federal de Sergipe e, a pesquisa de campo entre os anos de 2012 e 2013 na Maternidade Nossa Senhora de Lourdes (MNSL), responsável pelas gestações e partos de alto risco e referência para cuidado em saúde a vítimas de violências sexuais no Estado de Sergipe. Seu problema tratou do Apoio Institucional² enquanto dispositivo na produção de outra política/outra saúde, com o objetivo de produzir outros corpos/outros sujeitos – usuárias cuidadoras/produtoras de si.

Todavia, o que iremos focar nessa escrita é a cartografia da produção de um cuidado de si da pesquisadora, que ao apoiar/produzir a pesquisa, produzia fluxos na sua própria relação consigo e com mundo. Para tanto, a cartografia será apresentada como método para a produção de mapas político-afetivos, por meio da descrição e análise das linhas e contornos do objeto proposto, qual seja, o modo cartográfico de fazer em pesquisa e a produção de um corpo pesquisadora. Para tanto, os tópicos que seguem tratarão do modo como aqui se compreende homem, mundo e a relação entre estes de coengendramento ao modo de fazer pesquisa e a consequente produção de um sujeito pesquisador; as linhas

² O apoio institucional é definido, por alguns autores a exemplo de Gastão Wagner Campos (2007), como um potente método para potencializar a cogestão na Saúde Pública, ao buscar incluir todos os atores envolvidos no processo, e diminuir, assim, as fronteiras entre atenção e gestão.



duras (Deleuze & Parnet, 1998), que conformam certo perfil feminino e; o entre certo modo de fazer e o cuidado de si e a conseqüente produção de linhas de fuga (DELEUZE & PARNET, 1998).

MÉTODO

Cartografando linhas e contornos – produzindo mapas político-afetivos

“Pesquisar é uma forma de cuidado quando se entende que a prática da investigação... é cuidado ou cultivo de um território existencial no qual o pesquisador e o pesquisado se encontram.” (Alvarez & Passos, 2009, p. 144), a partir da defasagem de si coengendrada com o mundo.

“A Cartografia como método de pesquisa é o traçado desse plano da experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso da investigação” (Passos & Benevides, 2009, p. 17-18), de forma que, o cartógrafo não está na dimensão da primeira pessoa, guiado por interpretações introspectivas, de um ponto de vista interior, também não está na dimensão da terceira pessoa, guiado por uma observação cuidadosamente neutra, externa, que seguindo um procedimento delimitará seu objeto e a si como experimentador.

O cartógrafo “precisa garantir a possibilidade de colocar em xeque tais pontos de vista proprietários e os territórios existenciais solidificados a eles relacionados” (Passos & Eirado, 2009, p. 122), ele toma “os processos de emergência do si como desestabilização dos pontos de vista que colapsam a experiência no (“interior”) eu” (Passos & Eirado, 2009, p. 123). Cito, abaixo, fragmentos dos diários de campo³, na íntegra, nos quais pude desabafar sensações produzidas em meu corpo, por meio dos encontros com tantos outros corpos, fluxos e atravessamentos:

Diário 15.02.2013: Sinto um cansaço que não parece meu. Um estar por estar. Um compromisso de horário. Um bater ponto.

Diário 15.10.2012: Hoje me percebi encurralada, como se eu tivesse que dar alguma satisfação à Maternidade. Não que não haja vínculo, ou um contrato de troca, mas não sou funcionária.

Diário 22.01.2013: Como a quantidade de psicólogos na Maternidade está reduzida e, apesar de meu vínculo ser de pesquisadora, os limites entre a

³ O diário de campo foi a ferramenta utilizada para a produção dos dados. A cada encontro, preenchia meu caderno com impressões, sentimentos, questões, desenhando e redesenhando o traçado do que se passava nos encontros. Yves Winkin (1998), a partir do movimento antropológico, aponta três funções do diário: 1) *catártica*: função emotiva, “O lugar corpo-a-corpo consigo mesmo” (p. 138); 2) *empírica*: tudo o que chamar a atenção será anotado, em um primeiro momento, “de maneira descabelada” (p. 139), passando para um procedimento mais analítico; 3) *reflexiva e analítica*: função que permite surgir regularidades, “que nos levam a falar em termos de regras” (p. 139).



disciplina de formação acadêmica – Psicologia – e o vínculo – Pesquisadora – serem diferentes, o limite entre as funcionalidades se entrelaçam. E hoje, diante da “demanda” da ala verde⁴ com pacientes e as constantes dificuldades de adesão ao cuidado protocolar da ala, fui “convocada” a ser uma ponte entre equipe da ala e o “setor psicológico.”

Diário 12.03.2013: Será que a minha entrada junto à equipe, pensando nas usuárias, atravessou as relações da mesma? (PASSOS & EIRADO, 2009, p. 123)

Estes fragmentos dizem de um caminhar do método cartográfico, haja vista que Cartografar é habitar um território existencial (Alvarez & Passos, 2009) – caminhar com trabalhadores, gestores, usuárias, de modo que ao imbricar-me com o campo, vários lugares e modos são assumidos. O território pensado como um espaço de expressão de certa cultura, de certas facetas, apresenta-se aqui, não “como um domínio de ações e funções, mas sim como um *ethos*, que é ao mesmo tempo morada e estilo” (Alvarez & Passos, 2009, p. 134).

Assim sendo, “somos levados a afirmar que o *ethos* ou o território existencial está em constante processo de produção” (ALVAREZ & PASSOS, 2009, p. 134). Processo que afeta, que produz vários lugares ao sujeito pesquisador, que territorializa espaços e desterritorializa modos de estar com o campo.

Enquanto pesquisadora/aprendiz-cartógrafo, tateava no início da habitação do território, em constante produção; havia uma receptividade afetiva com as equipes de saúde que conheci e nos espaços que me inseri, a qual não podia confundir com passividade, mas sim como uma certa afinação que pactuava a inseparabilidade entre sujeito – objeto, pesquisador – pesquisado.

Pesquisadora/Psicóloga /Corpo estranho /Analista das condutas/Olhuda. Essas e tantas outras definições povoaram a minha relação com as equipes, gestores, usuárias. O que fazia de fato ali, participando de reuniões de equipe com usuárias, com gestores? Até onde, de fato, eu poderia me envolver, falar, opinar? Essas questões foram se tecendo e se desenrolando com os encontros. Entre simpatias, antipatias, cansaços, alegrias, a pesquisa intervia nos processos de produção de saúde, na minha formação profissional/pessoal/mulher, uma vez que imersa em uma Maternidade, como não imergir na maternidade, no feminino? Como não me decompor por entre tantas mulheres amarradas à maternagem?

⁴ A Ala Verde cuida dos bebês prematuros, por meio do Método Canguru, no qual o cuidado com o bebê é realizado com o auxílio da família. Tem-se ainda a Ala Rosa, na qual permanecem internadas as gestantes com alguma gravidade e a, Azul, onde permanecem as puérperas em alojamento conjunto ao filho e, que não possuem nenhum risco.



O coengendramento do fazer e do modo de compreender homem e mundo: a produção de uma pesquisadora

Uma prática de pesquisa “é um modo de pensar, sentir, desejar, amar, odiar; uma forma de interrogar, de suscitar acontecimentos, de exercitar a capacidade de resistência e de submissão ao controle” (Corazza, 2002, p. 121), ao buscar “*artista*, inventando novos estilos de vida e, portanto, novas práticas” (CORAZZA, 2002, p. 122).

Pesquisar, então, é desnaturalizar objetos, através do mapeamento das práticas que o objetivam. Plano construído através do desejo, da emoção, à medida que eles são fomentados com a própria ação, dimensão anterior a qualquer objeto, a qualquer sujeito, no plano dos fluxos, das linhas, das não formas. O que faz do modo de pensar realidade, mundo, homem dimensões engendradas em um constante processo de produção – compromisso ético-político do fazer (Escóssia, 2004).

Deleuze (2006) discorre sobre o processo de subjetivação, afirmando que este se dá por dobramento do fora. O lado de dentro é um vergar do fora. Pensar o sujeito enquanto processo de dobra rompe com uma visão metafísica, baseada em fases determinadas e em um processo evolutivo. O sujeito aqui é pensando como constante defasagem de si, tensionada pelo fora. Simondon (2003) apresenta o indivíduo em processo de individuação.

A individuação psíquica e coletiva é uma operação, um processo, que prossegue em um ser já individuado (o vivo), sendo assim, não resulta em um novo indivíduo, em uma nova substância, mas em novos domínios do ser definidos pelas funções que nascem do desdobramento individuante. (ESCÓSSIA, 2008, p. 23).

O ser é, então, composto por domínios “definidos pelas funções que nascem do desdobramento individuante” (Escóssia, 2008, p. 23). À mediada que ocorre o processo de individuação, de delimitação de uma forma, há uma dimensão pré-individual que mantém o caráter processual e, que é anterior e permanente ao sujeito, assim como o lado de fora trazido por Deleuze (2006).

Com a obra *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*, Maturana e Varela (2010) denominam o ser vivo como organização autopoietica, organismo capaz de produzir-se constantemente, ocorrendo mudanças na estrutura, mas havendo, contudo, manutenção da capacidade de autoprodução.

Longe de uma produção num sistema fechado, os autores partem de uma relação mútua entre organismo e meio, a partir do conceito acoplamento estrutural, segundo o qual organismo e meio perturbam-se mutuamente, não determinam, nem informam, perturbam-se, de tal modo que “toda variação ontogênica resulta em uma forma diferente de ser no



mundo, porque é a estrutura da unidade que determina como ela interage com o meio e que o mundo configura” (MATURANA & VARELA, 2010, p. 99).

Esse conceito de acoplamento estrutural parece ter uma relação íntima com o conceito de agenciamento forjado por Deleuze e Parnet (1998 p. 43), já que estes afirmam que “o agenciamento é o cofuncionamento, é a “simpatia”, a simbiose”. Logo após, eles continuam: agenciar é “estar sobre a linha de encontro de um mundo interior e de um mundo exterior” (Deleuze e Parnet, 1998, p. 44), ou seja, da relação consigo e do meio onde as relações de força se atualizam. Escóssia (2004) afirma que os agenciamentos possuem duas faces complementares, o agenciamento maquínico de efetuação, no qual os corpos transmitem afetos, efetuando estados e, o agenciamento coletivo de enunciação, no qual há produção de signos, onde os sujeitos são agentes coletivos.

Deleuze e Parnet (1998, p. 59) apontam que os movimentos de desterritorialização e reterritorialização “coexistem em um agenciamento” ao passo que estruturas são deformadas outras são formadas. Agenciar/acoplar corpos/estruturas que se misturam, transmitam afetos, efetuem estados e produzam gestos. Tanto o acoplamento estrutural quanto o agenciamento dizem de encontros que produzem desestabilizações e tensionam novas relações consigo, com os outros e com o mundo.

Compreender, assim, o homem e o mundo como coengrenagens de uma coprodução nos convoca a produtores de si e do mundo. Sujeitos normativos (Canguilhem, 1979), autopoieticos (Maturana & Varela, 2010), em constante defasagem de si, produzindo-se com a instabilidade da vida, borrando as realidades, compondo outros movimentos.

Diante desse modelo de compreensão das relações, revertemos o modo de fazer pesquisa – de apropriação do real para produção de realidades, no qual as metodologias são construídas a partir dos problemas formulados, modificando o já dito e o efeito sobre os “objetos” (Paraíso, 2012), os quais “não podem “cair como paraquedas”, assim do nada, isolados, quase objetos-anjo, sem sexo, sem cor, sem vida, no interior de nossas pesquisas” (Fischer, 2007, p, 64), mas sim, enquanto construções sociais, políticas e culturais os objetos devem ser tratados como históricos, em “suas descontinuidades e permanências, naquilo que oferecem como ruptura ou como (provisório) fixação dos modos de ser e existir” (FISCHER, 2007, p. 64-65).

“O conhecimento do conhecimento obriga” (Maturana & Varela, 2010, p. 267) a permanecermos em constante vigília, já que não há certezas que provem verdades, pois não vemos o mundo, mas um mundo construído com os outros. Não há a “verdade”, mas



sim discursos, ou melhor, práticas discursivas que compõem o verdadeiro nas sociedades (PARÁISO, 2012). Ao mesmo tempo sabemos, antecipadamente, que o discurso que produzimos com nossas pesquisas é um discurso parcial que foi produzido com base naquilo que conseguimos ver e significar com as ferramentas teórico-analíticas-descritivas que escolhemos para operar (PARÁISO, 2012, p. 28).

Como também, estamos imersos em regimes de verdade, assim como construímos significações, “torna-se indispensável pensar os conceitos de que lançamos mão imersos numa *rede de significações*” (PARÁISO, 2012, p. 19). Rompendo com as objetivações naturalizadas e os pressupostos de teorias que se querem “verdadeiras”, a trama de engendramento de um “conceito/objeto” deve servir como uma caixa de ferramentas para as (des)naturalizações num outro regime político.

A pesquisadora para a pesquisa, assim, assume outro lugar, o lugar do produtor de si e do mundo, uma vez que apenas de nós mesmos podemos diferir (Deleuze & Guattari, 1995). Deste modo, objeto, objetivos, embasamento teórico-metodológicos e o problema, constroem-se no fazer, em escolhas ético-políticas e metodológicas, que borrem um campo de verdades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Linhas duras: produção de um corpo biofeminino

Segundo Deleuze e Parnet (1998), “sobre a linha de segmentaridade dura, deve-se distinguir os *dispositivos de poder* que codificam os segmentos diversos, a *máquina abstrata* que os sobre codifica e regula suas relações, *aparelho de Estado* que efetua essa máquina” (p. 105). O corpo da mulher é atravessado por uma clínica, que não se limita a uma discussão/ação sobre doença e saúde, mas que investe moralmente este corpo, definindo um ser mulher. “Educação e Saúde são dois dos campos de conhecimentos e práticas que produzem, atualizam e repetem, incessantemente, *o que a mãe é ou deve ser* e sua ‘autoridade científica’ constitui uma importante estratégia de naturalização e universalização de tais definições” (Meyer, 2003, p. 34).

Os discursos contemporâneos, segundo os quais, os meios e os recursos necessários para a consecução dos projetos de vida, e saúde dos indivíduos, devem ser de responsabilidade dos mesmos (Meyer, 2003), problematizam a questão da maternidade no contemporâneo. Questões como: “por que ter filhos se não tenho condições de criá-los e provê-los?” (Costa, et al., 2006, p. 376) mantêm o corpo feminino atualizado e atualizando a estratégia Biopolítica, naquilo que produz modos de ser, “pois a saída é a esterilização



cirúrgica realizada, geralmente, durante o parto cesáreo, ou seja, atrelada à maternidade” (COSTA et al., 2006, p. 376). Esses discursos de quem pode ser mãe, como e quando são construídos em diversos lugares e, por diferentes atores. Segue abaixo um encontro com alguns desses lugares e atores.

Durante a pesquisa de campo, havia uma adolescente gestante de quatorze anos internada na ala rosa, ala para gestantes com problemáticas de saúde, fato que gerou discussões, pois segundo a legislação vigente em torno dos Direitos da Criança e do Adolescente, quando uma menina, de até quatorze anos, dá entrada em um serviço de saúde, gestante e/ou com sinais de agressão, violência sexual, o serviço é obrigado a realizar notificação compulsória para o Judiciário, acionando a rede de Proteção à criança e ao adolescente, como Conselho Tutelar, Delegacia de Atendimento a Grupos Vulneráveis (DAGV), Ministério Público, Centro de Referência Especializado da Assistência Social (CREAS), entre outros, pois até os quatorze anos de idade, mesmo que a relação sexual seja “consentida” pelo adolescente, para a legislação vigente é considerado estupro, contudo, a história de vida dessa e de tantas outras adolescentes eram esquecidas nas judicializações.

A adolescência, diante dos discursos contemporâneos em torno da maternagem e da própria representação que sua face apresenta, torna-se alvo de práticas biopolíticas. A busca por um cuidado, uma legislação jurídica específica, para esse “corpo adolescente”, produz e reproduz identidades, representações de um feminino.

Passei a vivenciar casos como esse constantemente, e concomitante à pesquisa, quando assumi a função de psicóloga em um CREAS (Centro de Referência Especializado da Assistência Social). Contudo, ao contrário do serviço de saúde, que é obrigado a realizar a notificação compulsória acionando a Rede de Proteção, para mim as adolescentes chegavam encaminhadas por esta. Em muitas situações, eram interrogadas, pressionadas, julgadas nos próprios equipamentos da Rede de Proteção Especial. O modo de ser adolescente/mulher não era atualizado, produzido apenas nos serviços de saúde, mas engendrava-se no próprio modo de fazer das Políticas Públicas, desde as de saúde às da assistência social.

E eu, frente às demandas do Judiciário, das famílias, das adolescentes, da Política de Assistência Social, dos conflitos internos da equipe, desta com a gestão municipal, pensava na tensão que uma Linha de Cuidado para Adolescentes Grávidas, como a pensada pelos trabalhadores da Maternidade Nossa Senhora de Lourdes podia movimentar o modo de operar dessas políticas, problematizando-as, ao se colocar em roda o singular



de cada adolescente, leques de possibilidades poderiam ser produzidos, para outras formas de vida dessas meninas/mulheres, bem como do próprio modo de entendimento do que seja feminino, mulher, e o modo de fazer dessas políticas, produzindo outras linhas que ultrapassem os discursos de um corpo medicalizado/judicializado – biofeminino.

A ideia da Linha de Cuidado para Adolescentes Grávidas surgiu diante do quantitativo de adolescentes gestantes e, a preocupação da equipe em potencializar autonomia a essas meninas/mulheres, tencionando as redes de proteção e cuidado, para manter essa adolescente acompanhada pela Proteção Básica, pelo Sistema Educacional, por exemplo, buscando efetivar um sistema de referência e contrarreferência eficaz. Acompanhei algumas reuniões entre trabalhadores e gestores da Maternidade, porém quando necessitei encerrar a pesquisa de campo, após sete meses no campo, a Linha não havia conseguido se efetivar.

Ser mãe/não ser, ser esposa/não ser, para além de uma escolha da mulher, compõe sua própria identidade. A idade da mulher atrela-se à sua idade produtiva. Dentro da minha família, ouço constantemente que, passado dos vinte e oito anos o “negócio complica”, pois as mulheres já começam a ficar velhas para engravidar e, até mesmo para “arrumarem” marido. Entre tantos discursos machistas de uma família interiorana, debruicei-me em outros, de mulheres como Frida Kahlo e Leila Diniz. Estas sempre me afetaram de tal forma, que acabavam produzindo ou enfatizando discursos tão radicais quanto os discursos machistas que criticava – mulher não precisa de marido para ter casa, filho, vida estável; vivendo um não-ser como se é, mas o inverso.

Em março de 2013, entre os dias 18 a 22, ocorreu um curso de capacitação de Doulas (“mulheres que servem”), voluntárias que dão suporte físico e emocional a outras mulheres durante o parto e o puerpério, na Maternidade, que contou com a participação de vinte e uma mulheres e diferentes facilitadores, desde as trabalhadoras/doulas/supervisoras a todas as categorias que compõem equipes multiprofissionais na MNSL, baseando-se na Medicina por evidências (MBE), a qual é definida como o elo entre a boa pesquisa científica e a prática clínica. “Identificação da melhor evidência com a qual responder a essa pergunta (verificação do melhor desenho de estudo para a questão clínica)” (EL DIB, 2007, p. 1).

Em certo momento, as capacitadas relataram seus partos, a maioria havia passado por cesarianas, com várias horas de indução ao parto normal por meio de ocitocina e vários exames de toque. De todo o grupo, apenas duas haviam tido parto vaginal, uma relatou ter tido um parto muito doloroso, com a utilização de fórceps, a outra com um auxílio de uma Doula, havia experienciado um parto domiciliar.



Ao passo que ouvia esses relatos e buscava entender como essas práticas foram normalizadas, sentia-me sufocada. Parecia vivenciar, ali, um distanciamento, como se a gestação e o parir não fossem algo que acontecesse com o corpo feminino. Olhava aquelas mulheres falando e pensava o quanto nossos corpos são objetos. Lembrava-me, de todo o imaginário, entre coisas que me eram proibidas de fazer e comer quando estava menstruada, o silêncio sobre o desejo sexual feminino, a onipotência masculina em sua virilidade, o adultério calado e exaltado dos homens de minha família. Olhei-me no espelho, várias vezes, e via essas sensações marcadas nas roupas, na minha relação com os mais velhos, em hábitos do que pode e do que não pode, no silêncio entre minhas relações amorosas e minha família. Em muitos momentos, senti vergonha desses hábitos e marcas, mas, num soluço de paz, pude ver outras tantas novas marcas produzidas com o fazer dessa pesquisa, tentando tensionar outras formas de fazer.

Destarte, “A educação do sujeito e a harmonização da forma não param de obcecar nossa cultura, de inspirar as segmentações, as planificações, as máquinas binárias que as cortam e as máquinas abstratas que as recortam” (Deleuze & Parnet 1998, p. 106), endurecendo nossos contornos em regimes identitários. Entre um modo e seu inverso, os modelos de ser e existir não escapam de uma produção política de controle, atrelados a moldes pré-fixados, não ser de um modo do que se é continua a produzir segmentarizações e, a acoplar a existência a práticas biopolíticas.

Entre um modo de fazer e um cuidado de si: linhas de fuga

Em uma conversa informal com uma Doula, esta apontou a relação que é construída pela equipe com a mãe na hora do parto, como uma forma de mudança da relação dessas mulheres com o seu corpo. Através da perspectiva História Oral Temática, uma modalidade de pesquisa que permite mostrar a versão dos fatos, de acordo com a visão de mundo do colaborador, através da narrativa de experiências individuais, Souza e Dias (2010, p. 495) buscaram “o compromisso de revelar as experiências das doulas no cuidado à mulher em processo de parto e nascimento”. Assinalando as doulas como dispositivo na humanização do parto, as autoras apontaram que elas possuem uma “compreensão integral da mulher, como um ser bio-psíquico e social” (Souza e Dias, 2010, p. p. 497), o que permite um entendimento completo do contexto.

Desta forma, através de dispositivos como acolhimento, construção de vínculo, escuta ativa, com o objetivo de inserir e ampliar a participação da mulher no parto e



nascimento, as doulas “dão” uma possibilidade de vivência positiva em torno deles. Concluindo as análises das histórias orais as autoras enfatizam que:

Embora, muitos profissionais de saúde não tenham uma visão de totalidade dos sujeitos, os achados deste estudo demonstram que a prática das doulas, coloca a mulher como centro do processo de parto e nascimento. Assim, essa prática contribui para uma reflexão em busca de novos sentidos e significados nas relações do processo de cuidado humanizado. (SOUZA & DIAS, 2010, p. 499)

Para além do que já foi pesquisado, sobre o que é produzido no corpo da parturiente no encontro com as doulas, durante o período de capacitação das Doulas da MNSL, as próprias experiências de parto dessas mulheres foram foco de muitas discussões, como já foi citado anteriormente, fato que gerou um atravessamento da relação dessas mulheres/doulas com seus corpos.

O não envolvimento em seus partos, o desconhecimento e distanciamento de seus corpos tornaram-se ferramentas na própria construção da prática das Doulas, de maneira que, o corpo tornou-se o principal dispositivo na formação. Práticas que apontam outra relação consigo, que potencializam a produção de um outro corpo, “um corpo vivo, e tão vivo e tão fervilhante que ele expulsou o organismo e sua organização” (Deleuze & Guattari, 1995, p, 43), que muda incessantemente de natureza, desorganiza a própria organização. Um corpo que escapa de um território que lhe foi imposto, enquanto paciente, para um corpo que se apresenta enquanto multiplicidade frente aos encontros. Um “corpo pleno sem órgãos é um corpo povoado de multiplicidades” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 43).

Os dias que se seguiram o curso de Doula foram intensos. Um grupo de mulheres sendo capacitadas em roda, para cuidar de outras mulheres durante um momento tão complexo e atravessado como a maternidade, desde o parto ao aleitamento. Foram várias as atividades realizadas pela equipe de instrutoras, nelas as capacitadas relacionarem-se com seus corpos – tocaram-se. Ao longo dos dias os toques saíram de sutilezas tímidas, para sorrisos frouxos, com os quais relatavam, durante momentos mais descontraídos, mudanças em suas relações cotidianas com seus maridos, filhos, familiares, amigos.

Produzir um corpo repleto de intensidades, como diz Deleuze e Guattari (1995) é a um só tempo problematizar o que o estratificava, as linhas que o atravessavam, para isto, todavia, como não produzir-se em corpo sem órgãos (CsO) ao mover-se para encontrar o mais simples do seus gestos, traços e curvas? Não um corpo oco, um corpo de multiplicidades, que escape à organização que lhe era imposta. Uma organização que a distanciava de si, tencionando a produção de um corpo que se problematize frente ao modo de ser e estar no mundo.



E eu, entre tantas vivências com tantos femininos, na Maternidade, no CREAS, escolhi buscar não-ser diferente da minha mãe, das minhas avós, tias, mas sim, fomentar potências e resistências nesses modos, para que a vivência diária com meu ser mulher duro e, com tantas outras mulheres, possa ser menos conflituosa abrindo a possibilidade de fugas. Estas, como descreve Deleuze e Parnet (1998, p. 22) “linhas que não se reduzem ao trajeto de um ponto, e escapam da estrutura, linhas de fuga, devires, sem futuro nem passado, sem memória, que resistem à máquina binária[...] Criar população no deserto e não espécies e gêneros em uma floresta”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta escrita buscou problematizar o fazer pesquisa cartográfico e a produção de um sujeito pesquisador. Esta relação foi possível em decorrência da base epistemológica que compõe a cartografia, ao rachar a neutralidade e a concepção de uma realidade dada do modelo cartesiano. A cartografia aponta que pesquisar é acompanhar processo, de modo que seus dados são produzidos, bem como seu próprio pesquisador é forjado no fazer, já que enquanto um território existencial, também, estar afetando e sendo afetado pelo plano pesquisado. Assim sendo, essa pesquisa, buscou acompanhar as linhas que conformavam os contornos das subjetividades, ao analisar, descrever, intervir e criar outros efeitos-subjetividade, especialmente na pesquisadora.

O caminho dessa escrita orientou-se pelo conceito de política apresentado por Deleuze e Parnet (1998), segundo os quais política diz da produção de modos e da constante possibilidade da produção do novo, da quebra, bem como da rigidez de microfascismos. Para tanto, ao compreender a geografia que Deleuze incide ao conceito de subjetividade ao dizer que somos um traçado de linhas, duras, flexíveis, de fuga, por entre os sistemas, as quais produzem modos de ser e estar no mundo em formatos homogêneos, que flexibilizam esses modos, mas que não escapam das capturas, já que ao escaparem de um certo perfil, direcionam-se a outro e, as de fuga que escapam da própria estrutura, das segmentaridades das formas, e se faz fluxo, devir.

Seguindo assim esse traçado, essa pesquisa inicialmente buscou discutir o método cartográfico em sua potência de produzir mapas político-afetivos ao desenhar as linhas e os contornos que compõe o território existencial da pesquisadora, posteriormente construir a base epistemológica em torno dos conceitos de homem, mundo e pesquisa que embasaram o fazer, para assim, traçar e problematizar os perfis-subjetividade do encontro pesquisadora, plano de pesquisa e sujeitos encontrados. Inicialmente as linhas duras, em



seu traçado biofeminino, no qual foi possível encontrar capturas que tiram a potência de protagonismo de nossas vidas e, por fim produzir linhas de fuga que podem ser traçadas no entre do modo de fazer pesquisa e o cuidado de si.

O que fica, por fim, é a potência de uma pesquisa que se quer traçar outras linhas, não sectárias, de potências, que atravessem corpos, registro e dilacerem formatos, pois escapar das máquinas binárias é um cuidado de si, de produção constante, quando entre um fazer e outro conseguimos sair de certos registros, de certas organizações.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, G. W. S. **Um método para análise e co-gestão de coletivos**. 3.ed. São Paulo: HUCITEC, 2007a.

CAMPOS, G. W. S. **Saúde Paidéia**. 3.ed. São Paulo: HUCITEC, 2007b.

CANGUILHEM, G. **Normal e Patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CORAZZA, S. M. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, M. V. **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Vol.2. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007, p, 104–127.

COSTA. T.; STOTZ. E. N.; GRYNSZPAN. D.; SOUZA. M. C. B. Naturalização e medicalização do corpo feminino: o controle social por meio da reprodução. Interface - Comunicação, Saúde, Educação. **Botucatu**. v.10, n.20, p.363-80, jul/dez 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832006000200007>. Acessado em 15 de junho de 2012.

DELEUZE, G.; CLAIRE, P. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. V. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

EL DIB, R. P. **Como praticar a medicina baseada em evidências**. Jornal Vascular Brasileiro. São Paulo. v. 6, n. 1, p. 1-4, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jvb/v6n1/v6n1a01.pdf>. Acessado em 20 de maio de 2012.

ESCÓSSIA, L. O coletivo como campo de intensidades pré-individuais. In: ESCÓSSIA, L.; CUNHA, E. L. (Orgs.). **A Psicologia entre indivíduo e sociedade**. Aracaju: editora UFS, 2008, p.16–35.

ESCÓSSIA, L. **O coletivo como plano de co-engendramento do indivíduo e da sociedade**. 2004. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2004.



FISCHER, R. M. B. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In: COSTA, M. V. **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Vol.2. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007, p, 49–70.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. 8. ed. São Paulo: Palas Athena, 2010.

MEYER, D. E. Educação, saúde e modos de inscrever uma forma de maternidade nos corpos femininos. **Movimento**. Porto Alegre. v.9, n. 3, p.33-58, set./dez. 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/2817/1432>. Acessado em 12 de abril de 2011.

PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: PARAÍSO, M. A.; MEYER, D. E. (Orgs.). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009, p. 23-45.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia-pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SIMONDON, G. A Gênese do indivíduo. In: **Cadernos de Subjetivação** / Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetivação do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, v. 1, n. 1, p.97–124. São Paulo: HUCTEC, 2003. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/cadernossujetividade/issue/view/1987>. Acessado em 05 de fevereiro de 2010.

SOUZA, K. R. F.; DIAS, M. D. História oral: a experiência das doulas no cuidado à mulher. **Acta paulista de enfermagem**. São Paulo. v.23, n. 4, p. 493–499, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002010000400008>. Acessado em 08 de agosto de 2012.

WINKIN, Y. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. São Paulo: Papirus, 1998.

Artigo recebido em: 20 de setembro de 2019

Aceito para publicação em: 20 de dezembro de 2019

